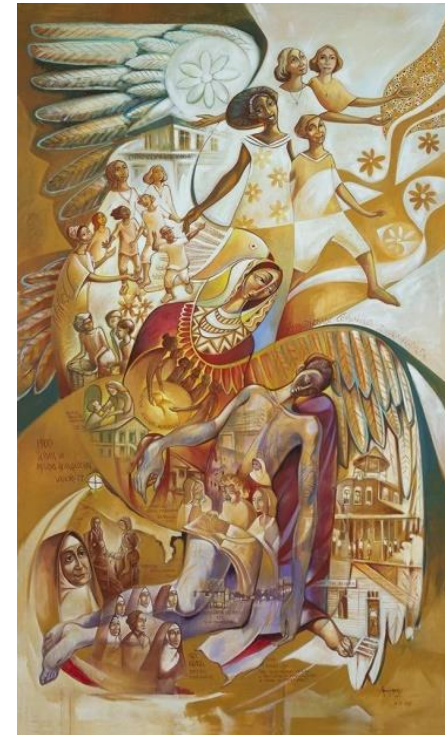


2
Ano XII

ESPAÇO MARIANO



- Maria de Nazaré – mulher ouvinte e acolhedora
- José de Nazaré – o homem de ternura e do cuidado amoroso
- Vivência cotidiana em tempos de pandemia

CONGREGAÇÃO DAS SERVAS DE MARIA REPARADORAS
Centro de Espiritualidade Maria, Mãe da Vida
Rua Olinda Ellis, 433 / Campo Grande - Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (21) 3394-1146 / 3394-1209
Site: www.congregacaosmr.com.br

Ano 2021

TEXTO ABREVIADO DA EXPLICAÇÃO DA IMAGEM NA CAPA

Servas de Maria Reparadoras: uma inspiração que nasce da contemplação do Amor, na cena de Maria aos pés da Cruz, com Jesus nos braços. Espiritualidade cultivada a partir do seguimento de Jesus, na sua expressão mais forte e paradoxal: Deus, Criador de todas as coisas, “reduzido”, “esvaziado por si mesmo” (Filipenses 2,6-11) da sua condição divina a um corpo frágil e débil, necessitado e aparentemente derrotado. Como ponto de partida de inspiração para toda a obra, optei por uma releitura de uma obra clássica, de Maria aos pés da cruz e de Jesus, encarnando em nossa história de Brasil, a partir das nossas raízes indígena e africana.

Inspiradas neste gesto tão forte e profundo, as irmãs assumem sua missão de abraçar toda a criação ainda ferida e humilhada. Nesta releitura de uma “pietà” clássica, Maria assume traços de mulheres indígenas, na sua riqueza de adorno e beleza, acenando para a situação dramática em que vivem nossos povos indígenas originários. O Filho consolado nos braços da Mãe nos remete à situação de tantos jovens negros e pobres, cujas vidas são ceifadas por estruturas ainda muito carentes de amor e justiça. Ela o acolhe em seus braços com a ternura de quem só consegue dar amor. A mulher, Maria de Nazaré, como tantas Marias, segura nos braços o jovem Cristo, revivido em tantas situações nos dias de hoje, como Deus acolhe o Verbo que se encarnou, foi fiel ao seu amor até às últimas consequências e retorna para os seus braços maternos.

O desafio de reparar a dor e fazer gerar dela, o amor, continua a se perpetuar através daquelas e daqueles que, a exemplo de Maria e de seu Filho Jesus, deixam suas terras e se encarnam na vida dos mais pobres e sofredores, num espírito de sororidade que repara as raízes provocadoras de dor e sofrimento, em vida e dignidade. A Cruz, a cena forte de Maria com Jesus no colo, simboliza os desafios de curar feridas, enxugar lágrimas e restituir a dignidade que nos foi dada de herança como filhas e filhos de Deus (Rm 8,17).

Começando da parte inferior esquerda, temos um marco com uma cruz iluminada, pascal, na cidade de Vidor, Itália, berço onde tudo começou, o chão onde essas primeiras mulheres, em comunidade e com a fundadora, Madre Elisa Andreoli e sua mãe, deram seus primeiros passos.

Junto aos pés de Jesus, estão as cinco irmãs e a postulante, missionárias que aceitaram o chamado e partiram em missão para o Brasil: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a todas as criaturas” (Bento XV, 1919). Ao longo do caminho, aparecem imagens da primeira residência das irmãs em Sena Madureira, escolas, hospitais e missões.

As imagens que foram figuradas no painel pretendem ilustrar, de forma simbólica, todas as obras e ações das irmãs, que atenderam a tantos clamores, em destaque para educação, saúde e catequese. Obras que serão semeadas no Brasil e em outros países da América Latina, como Argentina, Peru, Bolívia e México.

Juiz de Fora, 26 de fevereiro de 2019.

Anderson Augusto S. Pereira

APRESENTAÇÃO

Na edição do Ano de 2021, *Espaço Mariano* evidencia na capa, uma inspiração das Servas de Maria Reparadoras que nasce da contemplação do Amor, na cena de Maria ao pé da Cruz, com Jesus nos braços, em memória do *Primeiro Centenário de Missão na América Latina*. Espiritualidade cultivada a partir do seguimento de Jesus, na sua expressão mais forte e paradoxal: Deus, Criador de todas as coisas, “esvaziado de si mesmo” (Fl 2, 6-11) da sua condição divina, por amor à humanidade. É também significativo o ponto de partida de inspiração do autor desta obra: ele faz uma releitura de Maria ao pé da cruz e de Jesus, encarnando em nossa história de Brasil, a partir das nossas raízes indígena e africana.

Intensificando essa nossa espiritualidade e missão, Irmã Mônica, com seu estilo original, mantém os leitores e leitoras no exercício de um maior conhecimento de Maria de Nazaré, mulher ouvinte, acolhedora e missionária, a fim de encontrar e cultivar o lugar, a “sala”, onde o aconchego da Sagrada Família sobressai, faz sentir e celebrar mais intensamente a vida nova resgatada pelo seu Filho, Jesus.

Nesta intensidade de vida contemplada na casa de Nazaré, alegre-nos, neste Ano dedicado a São José pelo Papa Francisco, através da Carta Apostólica *Patris Corde*, apresentar uma profunda reflexão de Padre Adroaldo, SJ, sobre *São José, o homem de ternura e do cuidado amoroso*. Padre Adroaldo ilumina e alerta, com sabedoria, o leitor e leitora à necessidade de recuperar o sentido da *ternura* e do *cuidado*. De fato, nos dias atuais é urgente a necessidade de recuperar a ternura, o cuidado, contemplando a vivência da ternura de José de Nazaré, não só como um mero modelo ético de atuação, mas em sua profunda intimidade e filiação referida a um Deus materno cujas entranhas se estremecem e sente ternura por seus filhos e filhas.

Enfim, acolhamos com alegria a experiência de uma Associada que, a exemplo de Jesus e da Mãe Maria, deixa-se comover pelo sofrimento e pela dor da humanidade neste tempo de pandemia. Ela, diante da situação atual, intensifica o significado

de *ser Igreja doméstica*, a escuta da Palavra de Deus, contemplando a presença de Maria junto à Cruz de seu Filho e as infinitas cruces da humanidade, fortificando a própria fé e esperança de dias melhores. Foi assim que, deixando-se guiar pelo Espírito, *subiu* interiormente até o alto da *Serra da Piedade*/ MG, junto à Mãe Maria que acolhe com ternura e compaixão seu Filho e, deixou-se tocar profundamente pela compaixão de Deus e de sua Mãe pela humanidade ferida nos tempos atuais. É a atitude missionária que perdura no dia a dia, através da Família das Servas de Maria Reparadoras dispersas em várias realidades do mundo atual.

A redação

**MARIA DE NAZARÉ
MULHER OUVINTE E ACOLHEDORA**

No ambiente familiar, temos alguns lugares/espacos onde o aconchego sobressai e é aí onde mais intensamente sentimos, celebramos, acolhemos a vida. E cada uma, cada um sabe qual é o seu aconchego vital. Muitas vezes, as pessoas mais queridas são convidadas e chegam até a divulgar trazendo outras, então, o espaço se amplia. Surgem ideias, partilham-se sorrisos, segredos, conselhos, sonhos, reconhecimentos de quem somos... Projeta-se vida!

Há uma pergunta necessária a ser feita: Na vida de José, Maria de Nazaré e de Jesus, podemos descobrir esse *espaço*? – Trata-se aqui de nossa *segunda sala*, pois a *primeira* já foi contemplada no *Espaço Mariano* anterior –. O conhecimento que temos sobre essa família nos dá suporte para respondermos sem



“achismos”? Na devoção popular mariana é muito comum idealizar essa família através das esculturas, das pinturas, algumas poesias, sermões, intuições ditas “inspiradas pelo Espírito Santo”. Mas, quando no caminho devocional mariano, constatamos:

- * ausência do conhecimento da Tradição cristã, não apenas católica;
- * falta de aprofundamento bíblico pessoal e grupal;
- * carência em exercitar leituras e orações ecumênicas...

Esses e outros itens, para o seguimento de Jesus nas comunidades eclesiais, nos grupos a fins, nos escritos e conversas de algumas pessoas declaradamente cristãs, dificultam o conhecimento e não se chega a nenhum *Espaço mariano*! Caminha-se em círculos viciados. A casa de Nazaré, habitada por Jesus, Maria e José, permanece desconhecida no seu mais bonito objetivo: lugar formador da fé na Presença libertadora e fiel do Pai Nosso!

Aconchegar-se nos *Espaços marianos*, encontrar a *sala*, por exemplo, é urgente! É só dar-se conta de como Maria de Nazaré nos encaminha para seu Filho e seu esposo José. E, como judia, ela é mulher acolhedora, esperançosa na fidelidade de Javé de seus ancestrais que enviaria o Messias Libertador.

Quem nos abre a porta dessa *sala* é o evangelista Lucas ao escrever para sua comunidade, aproximadamente, no ano 75 d.C. mas também para todos os que professam a fé no Filho, cujo nome foi dado por Maria: “*Porás o nome*” de Jesus (Lc 1, 31).

Nesse ambiente devocional, nossa vida de fé e de seguidoras/seguidores recebe impulsos para prosseguir quando surgir o incômodo da dúvida, o entusiasmo diminuir, a alegria aparentemente sair de perto! Então, a reparação aparece quando Lucas nos relata duas saudações que Maria ouviu.

A primeira aconteceu em sua casa: talvez na sala, na cozinha, no pátio, ou no poço...: “*Ave cheia de graça, o Senhor está contigo*”. Ou em outra versão: “*Alegra-te Maria és cheia de graça o altíssimo é contigo*” (Lc 1, 28). Na interpretação mais comum, é Deus mesmo se comunicando e o mensageiro/anjo, é Deus mesmo. Até aí seria meio contraditório: Deus e anjo/mensageiro serem uma só realidade.

Como entender “o altíssimo é contigo ou está contigo”:
Pratiqemos o exercício de leitura atenciosa para, confortavelmente, permaneceremos no *espaço* da devoção mariana com centralidade, justeza, com fidelidade ao que significa Boa Nova. Essa mulher, para o evangelista, é a representante dos pobres de Javé, aqueles que esperavam que não estavam na plenitude de sua alegria, pois a submissão aos judeus e aos romanos lhes tirou a alegria por causa dos impostos absurdos, a exclusão e a segregação. Pareciam não mais o povo escolhido e que Deus não mais estava no meio deles como esteve com o antigo Povo da Aliança! Mas Lucas, na pós-ressurreição, que é a definitiva Palavra de Vida, coloca Maria como a representante das pessoas que vivem a alegria! O Altíssimo, o Senhor está contigo! Porém, o Senhor não está só com Maria, ela é a representante do seu povo! Estes versículos, lidos a partir da Ressurreição de Jesus, esclarecem o binômio: morte ⇔ ressurreição. Foi porque Deus ressuscitou o Filho que Maria o gerou e a comunidade com ela professou que toda a vida de Jesus foi a Presença do Altíssimo Deus.

Nas ações, palavras, nas propostas coerentes em favor dos mais necessitados que também se alegram com a presença do Filho do Deus Vivo que afirma: “O Reino de Deus, está no meio de vós: os cegos, enxergam, os surdos ouvem, aos pobres é anunciada a Boa Nova” (Lc 7,22), a dignidade da vida é restituída!

Início ⇔ frente – é o que lemos e meditamos no Evangelho de Mateus e do Evangelho de Lucas. Ambos iniciam a narrativa dos que se alegram com o anúncio, o nascimento e a infância de Jesus. Ou seja, a Boa Nova da pré-infância de Jesus: o anúncio da proposta através do diálogo, respostas, experiência, pré-nascimento e cumprimento dos preceitos religiosos judaicos, pós-parto! Estamos nos Capítulos 1 e 2 de Mateus e de Lucas. Em Mateus temos José e seu sonho, encontramos as mulheres “nada ortodoxas”, mães nas raízes genealógicas de Jesus: Tamar, Raabe, Rute, Betseba, Maria de Nazaré. Em Lucas, encontramos Isabel, Herodes, Magos, Pastores, apresentação do bebê no Templo...

Proposta para aprofundamento:

- Leia os Capítulos 1 e 2 de Mateus e de Lucas...;
- Descubra, constate... Será um exercício de acolhimento e conhecimento de Maria, José e Jesus, uma experiência saborosa, envolvente, comprometedora!

Atualizadas/os através do caminhar nessa ampla *sala mariana*, apresentamos uma visita na segunda saudação, a de Isabel, a outra mulher agraciada! Por não ser mais estéril, ela bem diz Maria, sua prima: “*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre Jesus*” (Lc 1, 42).



Isabel bem diz o fruto, o filho de Maria que está em gestação. Observemos bem as palavras, pois são Palavras de Salvação! Porque trazem alegria, confirmam a Presença de Deus sensivelmente experienciável! Há um ambiente de Nova vida, de encontro gracioso, futuro de gerações. Deus habita nesse *espaço relacional*, outra vez Ele é experimentado e proclamado Libertador, Fiel de geração em geração.

Na primeira saudação, afirmamos que Maria é a “representante”; agora, podemos afirmar que também Isabel é “representante”. Nela vemos a comunidade/*eclesia* que celebra a presença D’Aquele que salva! Isabel anuncia, proclama Quem bendiz Aquele que vem para abençoar as excluídas nela representada: as mulheres estéreis, idosas. As inúmeras mulheres que fazem parte da comunidade judaica e são invisibilizadas, seja

no Primeiro Testamento, seja no momento da cena narrada pelo evangelista.

É importante ter presente que, a centralidade dessa segunda saudação como da primeira é a Pessoa de Jesus; que, para a piedade mariana, nesta citação de Lucas, Isabel, João Batista e Maria de Nazaré, todos são iluminados. Como bem soube louvar Simeão *“Luz para iluminar...”* (cf. Lc 2,32. Por isso são também livres, alegres, como proclamou Zacarias *“Bendito seja o Senhor Deus de Israel porque visitou, remiu e libertou seu povo...”* (cf. Lc 1, 68-69). Seja na primeira como na segunda saudação, emergem a liberdade, a alegria, a bênção, o dizer bem, por causa da profissão de fé da comunidade dos seguidores e seguidoras d’Aquele que fez que tudo isto é possível. Estamos outra vez na leitura de trás para frente, do fim para o início e isto é a Ressurreição.

Isabel não sabia que o bebê de sua prima Maria, em gestação, era o Salvador, o Bendito fruto. Ler, rezar pensando que ela sabia colocar à margem do processo da experiência da espera do Salvador. Hoje celebramos, professamos, testemunhamos e seguimos Jesus de Nazaré como o Mestre, o Cristo de Deus porque Ele foi o único que nascido do ventre de uma Mulher, perseguido e morto, foi Ressuscitado! Aconchegue-se, leia e confira essa afirmação acima em Mateus 2,16; Mateus 14, 10-11.

João Batista, Lucas, Madalena, Isabel, Maria... são da geração nascidos de mulher. Apenas Jesus é o Bendito, o *“Príncipe da vida... aquele que Deus ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse”*, assim afirma Pedro no seu discurso, também escrito por Lucas no seu segundo Evangelho/Boa Nova, ou seja, os Atos dos Apóstolos.

Crie seu *espaço mariano* e nele sua sala, acomode-se e pegue sua Bíblia e leia parte dos discursos de Pedro em Atos dos Apóstolos, Capítulo 2,22-24; Capítulo 3,13-15; Capítulo 4,10.

Na *segunda saudação* uma parenta, uma grávida bem diz a vida em gestação em sua prima, a outra grávida, também a bem diz. Podemos dizer que esse bem dizer, é bênção-invocação das graças de Deus sobre a outra pessoa, faz parte da Tradição do judaísmo. Vale a pena ressaltar que essa expressão de Isabel ao bem dizer Maria, a Tradição católica nos deu uma das mais lindas

homenagens bíblicas à Maria. Eis aí outro modo de canalizar nossa devoção/piedade mariana para torná-la sempre mais ecumênica: a iluminação neo-testamentária. Todas as confissões cristãs a partir da iluminação no Definitivo Testamento unem-se para reconhecer a pessoa de Maria nessa saudação de Isabel narrada por Lucas.

Saudação, bênção. Duas realidades colocadas pelo evangelista para qual fim mesmo? Exaltar Maria de Nazaré? Mostrar seu parentesco com Isabel e as maravilhas experimentadas por elas? O que importa afinal com essa Boa Nova, conhecida como escritos pré-evangelhos?

Para finalizar a reflexão e/ou iniciar uma experiência orante pessoal, vale apenas conhecer Maria na tradição cristã e, se faz necessário, adentrar no por que foi escrita essa delicada e deliciosa saudação. Numa só palavra, *pertinente* saudação!

*Ir. Maria Monica Gomes Coutinho, smr
Caculé/BA*

II José de Nazaré, o homem de ternura e do cuidado amoroso

“Jesus viu a ternura de Deus em José: «Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor se compadece dos que O temem» (Sal 103, 13). Com certeza, José terá ouvido ressoar na sinagoga, durante a oração dos Salmos, que o Deus de Israel é um Deus de ternura, que é bom para com todos e «a sua ternura repassa todas as suas obras» (Sal 145, 9)” (Papa Francisco – Patris Corde)

Com a carta apostólica **“Patris Corde”** (com coração de pai), o Papa Francisco lança uma nova luz sobre **São José**, revelando-o inspirador de muitas pessoas que, trabalhando no silêncio, longe dos focos e câmeras, estão escrevendo os acontecimentos decisivos da história. Como S. José, o Papa define estas pessoas como aparentemente ocultas ou na “segunda fila” no cenário da história, mas são presenças que fazem a diferença, pois assumem a fragilidade dos outros, curando as feridas existenciais, com atitudes acolhedores sobre as pessoas, deixando transparecer em seu olhar a **ternura** e o **cuidado** de Deus, Pai-Mãe providente.

Ao falar de S. José, o Papa nos desperta para que estejamos conscientes de que nossa vida está tecida e sustentada por pessoas normalmente esquecidas, ocultas e que, a partir de posições aparentemente de segunda linha, manifestam um protagonismo sem igual na história da salvação, através de gestos que sabem dizer aos cansados, aos humilhados e excluídos, aos sem voz: *“estou contigo, acolho seu sofrimento, tua solidão, tua busca da vida; sou sensível às tuas lágrimas e à tua fragilidade; não há nada em ti que me deixe indiferente”*. São pessoas que, através do cuidado compassivo, se fazem próximas e solidárias da condição humana de cada um de nós.

Recuperar o sentido da **ternura** exige de nós contemplar a vivência da ternura de **José de Nazaré**, e não só como um mero modelo ético de atuação, senão em sua profunda intimidade e

filiação referida a um Deus materno cujas **entranhas** se estremecem e sente ternura por seus filhos e filhas.

A **ternura** emerge assim como algo que é, antes de mais nada, próprio de Deus, e Deus, como Aquele que instaura o primeiro movimento de ternura para com a realidade, como a relação que une Àquele que dá o ser com aquele que o recebe (Criador e criatura).

O coração de Deus é o de um Deus com “entranhas de ternura”, entranhas que se comovem e que o fazem sair e transbordar-se como amor terno sobre a história e sobre a humanidade.

Ou seja, antes de mais nada, há uma **ternura divina** que se adentra como Amor absoluto de Deus nas fibras do ser humano. À imagem desse **Deus de ternura** fomos criados como seres capazes e necessitados de ternura. Uma ternura que não será senão um pálido reflexo dessa “forma suprema de ternura” que é o Amor de Deus, que se aproxima da realidade humana como Ternura amorosa.

Contemplando a pessoa de São José, podemos também descobrir que nosso Deus é um Deus de **ternura**.

Só quem experimentou a **ternura** de Deus se sabe possuidor de uma “segunda pele” que certamente o faz mais vulnerável, mas ao mesmo tempo mais humano, ou ao menos, mais apto para penetrar no secreto de uma humanidade capaz de sentimento e estremecimento até os limites não imaginados. Nele pulsa o coração de Deus que se sintoniza com a pulsação do coração do mundo.

Com razão afirmava Abrahán Heschel, que *“o grau de sensibilidade diante do sofrimento humano indica o grau de humanidade que temos atingido”*. E é a **ternura** aquela que desperta em nós essa sensibilidade e mede, por isso, o grau de humanidade alcançado.

A **ternura** é o afeto que devotamos às pessoas e o **cuidado** que aplicamos às situações existenciais marcadas pela fragilidade. É uma proximidade que se revela como **intuição**, vê fundo e estabelece comunhão.

A **ternura** brota quando a pessoa se descentra de si

mesma, sai na direção do outro, sente o outro como outro, participa da sua existência, deixa-se tocar pela sua história de vida.

Esse sentimento é um modo de ser existencial que afeta todas as dimensões da pessoa.

A expressão por excelência da ternura é o **carinho**, onde se acentua a proximidade física e o respeito ao outro. O **carinho** em certas situações é a melhor forma de comunicação não verbal.

Ele revela **cuidado** solícito, manifesta **sensibilidade** através do contato físico, expressa-se como gesto sensível que quer acolher a pessoa como tal.

A **ternura** é impulso íntimo e comunicacional, é forma de viver e de conviver, circula entre as pessoas, sustenta novas relações, é valor original que se irradia como verdade. A ternura se expressa como acolhida de quem é frágil e não se cansa de amar.

Forte é a **ternura** que permanece resistente.

A **ternura** revela lucidez, firmeza e tenacidade. Não se deve confundir ternura com emocionalismo.

A **ternura** possui fibra e sustenta causas justas. A **ternura** mantém fidelidade às pessoas e assume posições sérias. A verdadeira ternura é destemida, não se amedronta e sustenta a verdade, é corajosa, não compactua com a violência, a crueldade, a exclusão. A **ternura** pode e deve conviver com o extremo empenho por uma causa: *“hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás”* (Che Guevara).

A **ternura** emerge do próprio ato de existir no mundo com os outros

A **ternura** mantém a reciprocidade com o diálogo, a afetividade, a compreensão, a amizade, o respeito, o direito, a solidariedade; ela é aberta, não se fecha, ajuda o mundo a ser humano e não selvagem, é alegre e não triste, pacífica e não belicosa, justa e não legalista, limpa e não contaminada. Assim, a **ternura** ética preserva a humanidade, ventilada pelo sopro da dignidade. A **ternura** leva a pessoa a sentir-se gente.

A **ternura vital** é sinônimo de **cuidado essencial**. O exercício da **ternura** é fundamental para desenvolver atos de **cuidado**. O **cuidado** faz o ser humano aberto, sensível, solidário,

cordial e conectado com tudo e com todos no universo. Sem o cuidado o humano se faria inumano.

O **cuidado** vive do amor primordial, pois o **amor** é a expressão mais alta do cuidado; tudo o que amamos também cuidamos e tudo o que cuidamos é um sinal de que também amamos.

O **cuidado** abre-nos caminho para viver, com mais intensidade, nossa humanidade. E viver **“humanamente”** significa viver em **vulnerabilidade**.

A arte do **cuidado** confere a cada um a capacidade de exercer a **paternidade-maternidade** espiritual; cuidar é **sentir** o outro, é verdadeiramente **escutar**, é ter um **olhar** desarmado, eliminando todo preconceito. **Cuidar** é **dar atenção** com ternura, isto é, descentrar-se de si mesmo e sair em direção do outro, participando de sua existência; é esvaziamento de si mesmo para deixar o mistério da **fragilidade** do outro, que também traz em si, encontrar abrigo no coração.

Cuidar é entrar em **sintonia com...** Disso emerge a dimensão de alteridade, de respeito, de sacralidade...

Quem não aceita a própria **vulnerabilidade** e **interdependência** não desenvolve atitudes de cuidado. Quem não aceita ser cuidado, também não está disposto a cuidar dos outros. Somos educados para sermos **“super-homens”** ou **“super-mulheres”**; aprendemos a não admitir e a não aceitar o **limite**, a **vulnerabilidade**, o **fracasso...** O ser humano é **finito**, portanto **vulnerável**. Ele não se basta a si mesmo; necessita de relações com o seu meio, com os seus semelhantes e com o Transcendente, dando sentido à sua existência.

Isto significa que o **cuidado** faz parte da constituição do ser humano. É um **“modo-de-ser”** singular do homem e da mulher. Fomos criados à imagem e semelhança do **“Deus cuidador e providente”**.

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude “kenótica”, porque exige o esvaziamento de nós mesmos para deixar o mistério do outro encontrar abrigo em nosso coração.

O **cuidado** se encontra na raiz primeira do ser humano, é um **“modo-de-ser essencial”** de cada pessoa.

É uma dimensão fontal, originária, primeira, impossível de ser totalmente esvaziada.

Por isso, para além do “ter cuidado”, “*somos cuidado*”; é da nossa essência, ou seja, no cuidado vamos construindo nosso próprio ser, nossa autoconsciência e nossa própria identidade.

Texto bíblico: Is 49,8-26 Os 11
Mt 6,25-34 Mt 5,43-48

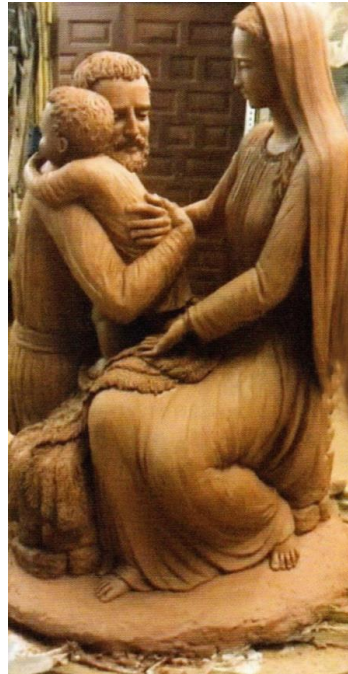
Na oração:

Quem já foi afetado por um **olhar** de uma pessoa pobre ou sofredora, e deixou que este olhar penetrasse no fundo do seu coração, sabe que não sai “ileso” desta experiência; algo mudou dentro de si: a **ternura** é despertada e o **cuidado** é mobilizado.

O modo-de-ser-ternura e cuidado de São José se prolonga em nós, no encontro com as pessoas.

- Pedir a graça de sentir a **ternura**, o **carinho**, a **proteção** das mãos benditas e providentes de São José.

Alargar o coração, para que aí a **ternura** de Deus possa fazer morada.



*Pe. Adroaldo Palaoro, SJ
Itaici, São Paulo*

III Vivência cotidiana, inspirada em Santa Maria neste tempo de Pandemia do Coronavírus

No mês de março de 2020, Tempo Litúrgico da Quaresma, eu estava participando com o grupo local da Associação “Nossa Senhora das Dores” *Maria Discípula da Palavra*, de um Retiro na vida cotidiana. Fazíamos a partilha sobre a Palavra de Deus, uma vez por semana. Subitamente nos vimos reclusas/os *em casa* por orientação dos profissionais de saúde e das autoridades governamentais, por causa de um vírus que se alastrou pelo mundo dizimando milhares de vidas. E, para evitar contaminações, fomos orientadas/os a *ficar em casa*, cuidar da própria saúde como também evitar a contaminação de outras pessoas pelo COVID – 19.

Assim que o mundo se deparou com este perigo, aos poucos todos os ambientes públicos foram fechando, inclusive as Igrejas. Penso que pela primeira vez na história, até a “Semana Santa”, tão densa de significado para nós, foi celebrada nas próprias casas, em família. Foi neste tempo que a Igreja, com criatividade suscitada pelo Espírito Santo, começou agir e oferecer muitas iniciativas ao Povo de Deus, através dos meios de comunicação, dando-lhe oportunidade para se descobrir ou intensificar o significado de ser *Igreja doméstica*, participar de Celebrações Eucarísticas, apesar de não poder comungar o Corpo de Cristo na Comunhão Eucarística, a reza do rosário e muitas outras iniciativas. Além disso, nós da Família Servita, rezamos também a Coroa de Nossa Senhora das Dores, a Via Matriz, participamos da Celebração da *Hora da Mãe*, no Sábado Santo, orientada pelas Irmãs Servas de Maria Reparadoras, através de uma transmissão ao vivo pela Rede Social FACEBOOK.

Para mim, foi e continua sendo uma experiência de oração mais intensa e de contemplação da presença de Maria junto à Cruz de seu Filho, como também das muitas cruzes no mundo atual. A reflexão e oração sobre a fé e a esperança inabalável de Maria na

ORAÇÃO PELO CENTENÁRIO SMR NO BRASIL

Obrigada, Senhor, por enviar as IRMÃS da Itália para semear, em terras brasileiras, as sementes do Carisma e Espiritualidade das Servas de Maria Reparadoras!

Obrigada, por Madre Elisa Andreoli nossa Fundadora, aceitar enviar as IRMÃS para Sena Madureira, Acre, em 1921, com o ideal de tornar Jesus Cristo conhecido e amado por muitos corações!
Obrigada, Deus, pela difusão da Congregação na Itália, Brasil, Argentina, Costa do Marfim, Albânia, Portugal, Bolívia, Filipinas, Peru, Togo e México, e através destas fundações fizestes nascer os grupos da Associação Nossa Senhora das Dores (ANSD) que, fazendo parte da família dos Servos e Servas de Santa Maria, também agradecem por estes Cem anos, onde cada filho e filha experenciam a Tua misericórdia e bondade infinita de Pai amoroso sempre presente na história!

Obrigada por MARIA, Mãe de Jesus e nossa, que nos inspira e impulsiona a prosseguir nesta missão de Amar, Servir e Reparar em cada lugar por onde a Tua presença amorosa se manifesta em nosso ser e viver!

A Ti, ó Deus Pai, Filho e Espírito Santo, a nossa gratidão. Amém!

Equipe de Reflexão

Ressurreição de Jesus, conduziu-me a imaginar esta Pandemia como um *grito de Deus* para a humanidade: um alerta sobre o mau cuidado da Criação, nossa Casa Comum; um alerta para um maior cuidado da dignidade do ser humano, do ambiente degradante, especialmente, onde numerosos irmãos e irmãs excluídos vivem nas periferias de nossas cidades.

Foi então que a luz do Espírito Santo agindo interiormente em mim me conduz a *subir* até o alto da Serra da Piedade, onde existe um sugestivo Ícone de “Nossa Senhora da Piedade”. A partir de então, permaneço diariamente, um tempo prolongado em oração diante desta imagem. A atitude dolorosa e ao mesmo tempo serena e profundamente misericordiosa de Maria, a Mãe que acolhe com ternura e compaixão seu Filho morto pelos pecados de todos/as nós, toca profundamente o meu coração e, acredito, toca também o coração de toda mãe que neste tempo de Pandemia sofre a perda de seu filho ou sua filha.

Diante de tudo isso, brota no meu ser uma oração:

Maria, Mãe dolorosa, assim como acolheste em teus braços teu Filho, Jesus nosso Salvador, livre-nos por sua intercessão, dessa Pandemia e muitos outros vírus do mundo atual.

Protege cada família atingida pela COVID – 19, fortalecendo-a na fé e na esperança diante da incerteza causada em relação ao futuro de seus filhos/as.

Abençoe o empenho dos profissionais de saúde e dos cientistas, a fim de que se apressem os dias em que tudo isso acabe; que possamos de novo voltar à Igreja e, como “comunidade cristã” participar com alegria e gratidão da celebração Eucarística, poder receber o Pão da Vida, através da Comunhão Eucarística.

Nossa Senhora da Piedade, continue abençoando todos teus filhos e filhas, fortalecendo-os na esperança de dias melhores. Amém”.

*Cecilda Evangelista Batista
Associação “Nossa Senhora das Dores”
Belo Horizonte – Minas Gerais*



(Cf. *Riparazione Mariana*, 2/2020, Centro Mariano – Rovigo – Itália, p. 24)